

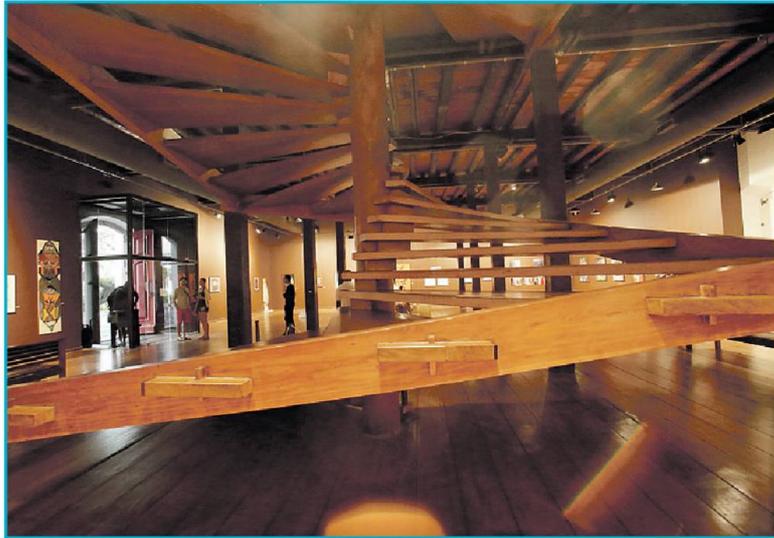
Série 2/5

ESTA É A SEGUNDA MATÉRIA DA SÉRIE SOBRE A ARQUITETURA DOS ANTIGOS CASARÕES QUE SEDIAM MUSEUS DE SALVADOR. O PALACETE DAS ARTES SERÁ O PRÓXIMO

**HISTÓRIA** De entreposto comercial, indústria e quartel militar, complexo passou por intervenções da arquiteta Lina Bo Bardi para abrigar Museu de Arte Moderna

# Solar do Unhão agrega o estilo colonial à arquitetura moderna

Fotos Milla Cordeiro / Ag. A TARDE



A escadaria do salão principal foi criada por Lina Bo Bardi a partir de peças removíveis com técnica de encaixe dos carros de boi

**THIAGO CONCEIÇÃO\***

Na descida da ladeira que serve de acesso ao conjunto arquitetônico do Solar do Unhão, o chão de pedras seculares termina em um passadiço decorado com painéis de azulejos portugueses. Após caminhar por ele, chega-se ao casarão colonial onde se encontra o acervo do Museu de Arte Moderna da Bahia, o MAM.

Refletido nas grandes janelas, o mar da Baía de Todos-os-Santos banha toda a extensão do casarão. No seu interior, a falta de paredes internas deixa em destaque a escadaria de madeira em formato helicoidal que liga o térreo ao primeiro andar do imóvel.

Ao se aproximar da escada, as removíveis peças de travamento do degrau revelam que as tiras de madeira foram conectadas como se fossem as partes de um enorme brinquedo de encaixe.

“A escadaria foi montada sem utilizar parafusos. O objetivo de Lina Bo Bardi, arquiteta responsável pelo projeto, foi usar a mesma técnica de encaixe dos carros de boi”, explica Michele Fontes, museóloga do MAM.

A retirada das estruturas internas do solar, realizada por Bon Bardi, possibilita a visão em 360 graus das obras expostas no térreo.

“Bon Bardi era uma arquiteta que gostava de trazer a inovação, o moderno. No entanto, no caso do casarão, ela fez mudanças arquitetônicas de forma que fosse possível instalar o museu sem remover algumas das antigas estruturas”, explica Zivê Giudice, diretor do museu.

Do lado de fora da antiga casa, a capela consagrada a Nossa Senhora da Conceição é o traço de um local que serviu de residência para a família do barão José Pires de Carvalho e Albuquerque, que era muito religiosa.

Atualmente, na frente da capela, um largo interliga as escadas de acesso das instalações subterrâneas do Solar do Unhão. Lá embaixo, elementos do período escravo-

crata estão presentes entre as velhas árvores do local.

**Galpões de mercadorias**

Entre as diferentes galerias construídas na parte inferior do conjunto arquitetônico do solar, os trilhos e carrinhos que levavam mercadorias são os

resquícios do antigo entreposto da região, que foi gerido pelo desembargador Pedro de Unhão e Castelo Branco.

“Apesar de residir por pouco tempo no local, cerca de 15 anos, ele foi o morador mais conhecido da região. Por isso, o Unhão ficou presente no nome do espaço onde foi instalado o MAM”, explica Francisco Senna, arquiteto.

Na função de entreposto, além dos produtos trazidos pela roldana principal do local, os galpões eram as “senzalas” onde ficavam os escravos africanos que seriam negociados.

Atrás das robustas grades dos portões que evitam a entrada dos visitantes, a iluminação natural do espaço é feita pelos poucos feixes que passam pelas pequenas aberturas das seculares portas de madeira posicionadas perto do mar.

“Cada trapiche, nome dado ao armazém localizado próximos ao litoral marítimo, funcionou de forma autônoma. Ali, no ponto onde se encontram as portas, existiu o fluxo de mercadorias, como os escravos, considerados mercadorias da época”, diz Senna.

**Banhado pelo mar**

Perto da roldana principal, as ondas do mar quebram ao bater na plataforma de concreto onde foi fixado o equipamento. Além de ser um bom ponto para as ações de entreposto, a localização das construções do Solar do Unhão possibilitou o aproveitamento de uma antiga queda d’água, encontrada em um dos pátios verdes do

**CRONOLOGIA DO SOLAR DO UNHÃO**

**1584** A área é comprada por Gabriel Soares, um rico bandeirante. Ele construiu um galpão para descasque de arroz. Após sua morte, a igreja fica com o terreno

**1685** O terreno é vendido para o desembargador Pedro de Unhão. Ele constrói o casarão e o subsolo é usado no entreposto comercial

**1700** Unhão vende a área para os Pires de Carvalho

**1820** A família aluga o local para August de Meurom, que monta uma fábrica de tabaco

**1926** A fábrica deixa de funcionar

**1943** Na Segunda Guerra, o solar foi quartel militar

**1959** Lina Bo Bardi vira diretora do MAM e inicia a recuperação da arquitetura

**1966** O MAM é instalado no Unhão

FONTE: ASSESSORIA DO MAM

Trilhos e carrinhos que transportavam mercadorias



Roldana da época em que o local era fábrica de descascar arroz



O complexo arquitetônico é banhado pelo mar



A capela foi construída pela religiosa família do barão José Pires de Carvalho e Albuquerque



Chão de pedras e passadiço com painéis de azulejos portugueses levam até o salão principal